CRISTO, SUA VIDA E MISSÃO

P. CLAUDIO LUIZ BINS S.J.
São Leopoldo

CHRIST, HIS LIFE AND MISSION

This work presents some elements of the life and mission of Christ, source, center and top of all created reality. These thoughts may serve as a basis for personal meditation and for the following lectures as well, thus being an aid to a better comprehension and feeling of the Eucharistic celebration. The first part presents the following basic data for the christian faith and life: The resurrection of Christ crucified, the progressive unity of Christ's existence, and finally the ensemble of Christ's life as a definitive event of salvation. The second part shows, in a few words, the purpose of the Father, revealed through Christ. The third part shows in its first item how the whole life and mainly the death of Christ constitutes an answer of love, obedience and confidence to His Father; a love of sacrifice for mankind and offer of Christ to His Father, for us. The second item presents Christ as effecting His Father's purpose.

A vida diária e o sentido último da comunidade cristã, da Igreja, e de cada cristão, como a de todos os homens e do próprio cosmos, de acordo com a revelação cristã, só podem ser entendidas e vividas a partir de Cristo, em união com Cristo e para Cristo, fonte, centro e cume de toda realidade criada. Por isto, ao refletirmos sobre a celebração eucarística, que de acordo com o Vaticano II é fonte, centro e cume de toda vida e apostolado da Igreja (1), precisamos fazer algumas colocações sobre o próprio

Cristo. Pois a celebração eucarística só tem sentido a partir da fé em Cristo, encarnado-morto-ressuscitado-glorioso, e em sua missão-repercussão salvífica na história da humanidade e do cosmos, no passado, presente e futuro.

Tentarei apresentar, de uma forma esquematizada, alguns elementos da vida e missão de Cristo, para que possam servir de fundamento para uma interiorização pessoal e assim para a compreensão e vivência da celebração eucarística (2).

(1) Cf. p.ex.: *Lumen Gentium* n° 11,1; *Sacrosanctum Concilium* n° 6-9; 10,1; *Presbyterorum Ordinis* n° 5,2; 6,5; 14,2.

(2) De forma alguma entrarei nas importantes e profundas reflexões-discussões cristológicas da teologia atual.

I. DADOS FUNDAMENTAIS

1.1. Fundamento irrevocável, insubstituível de nossa fé é a RESURREIÇÃO de CRISTO CRUCIFICADO: "Eu vos transmiti primeiramente o que eu mesmo havia recebido, que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado, e ressurgiu ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas, e em seguida aos Doze... Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e também é vã a Vossa fé" (1 Cor 15,3-5.14).

A realidade da ressurreição de Cristo apresenta, entre outros, os seguintes dados fundamentais (3).

a. O mesmo Jesus, que viveu e morreu, é o que foi ressuscitado pelo poder de Deus (identidade de Jesus glorioso com o Jesus histórico), (cf p.ex.: 1 Cor 15,3-4; Flp 2,8-9; Lc 24, 13ss)(4).

b. Jesus foi ressuscitado para "uma vida nova... radicalmente diversa de nossa existência no mundo", que afeta o homem todo (cf p.ex.: 1 Cor 15,42-49) (5).

c. "Na Ressurreição Cristo 'foi elevado à direita de Deus', foi

constituído 'Senhor' e 'Salvador', isto é, recebeu de Deus a soberania salvífica sobre a humanidade e o cosmos. Estas fórmulas atribuem ao ressuscitado as funções próprias de Javé, o Deus da aliança" (6).

d. Na ressurreição Cristo "vive definitivamente para Deus (Rom 6,10; 1 Pe 3,18); passa para a plenitude da comunhão de vida com Deus" (7).

e. "Estes... dados fundamentais da mensagem cristã primitiva apresentam a ressurreição de Cristo como passagem da existência humana mortal e temporal para vida imortal e supratemporal de Deus, da história para a meta-história; numa palavra como acontecimento escatológico no próprio Cristo" (8), e em Cristo para toda humanidade e o cosmos (9).

f. Assim a ressurreição de Cristo é o "cumprimento irrevocável das promessas divinas" (cf p.ex.: 1 Cor 15,4; 2 Cor 1,20), é a "antecipação e garantia da salvação vindoura no fim dos tempos" (cf p.ex.: 1 Cor 15,20ss); é o início da "nova e definitiva etapa para a plenitude da humanidade e da história" (10).

(3) Cf. J. ALFARO: *Esperanza cristiana y liberación del hombre*, Barcelona, 1972, pg. 126. Apresento a seguir sucintamente alguns elementos desta obra, usando nas notas a sigla ALFARO.

(4) Cf. ALFARO pg. 126s com a nota 229. Omitirei nas seguintes referências as inúmeras citações bíblicas feitas por Alfaro, que fundamentam as suas afirmações.

(5) Cf. ALFARO pg.127s

(6) Cf. ALFARO pg. 128

(7) Cf. ALFARO pg. 136

(8) ALFARO pg. 128

(9) Cf. ALFARO pg. 139-151

(10) ALFARO pg. 125s

Se a Ressurreição de Cristo, como acontecimento escatológico, ocupa este lugar central na nossa fé, não podemos, entretanto, esquecer que as Cristologias do Novo Testamento apresentam-nos mais duas facetas-realidades, intimamente unidas, resumidas a seguir.

1.2. A UNIDADE PROGRESSIVA DA EXISTÊNCIA DE CRISTO.

A vida de Cristo, desde a sua encarnação até sua paixão-morte e ressurreição gloriosa, forma uma unidade: "é a realização progressiva da existência autenticamente humana do Filho de Deus"(11).

1.3. CRISTO, NA TOTALIDADE DE SUA EXISTÊNCIA, É ACONTECIMENTO SALVÍFICO-DEFINITIVO, para toda humanidade e cosmos.

a. Cristo é o acontecimento escatológico em virtude de sua "comunhão de vida com Deus, por sua unidade com o Pai, numa palavra, por sua filiação divina" (12), "como presença pessoal de Deus na história"(13), e por sua atitude de amor, submissão obediente e confiança em relação ao Pai(14).

b. Cristo na totalidade de sua existência é "antecipação do futuro de Deus"(15); "leva em si mesmo (e para todos) a dimen-

são interna do último, do éschaton. Seu tempo era um tempo tenso para a plenitude supratemporal futura, para o encontro imediato com Deus. O futuro de sua ressurreição estava antecipado no presente de sua comunhão de vida com Deus, de sua unidade com o Pai, em uma palavra de sua encarnação. Em todas as etapas de seu vir-a-ser, o acontecimento de Cristo levava o caráter do "uma vez para sempre", quer dizer, do irrevocável e irrepetível, do último"(16).

c. O exposto até aqui implica que Cristo, na totalidade de sua existência:

— é REVELAÇÃO do Pai e de Seu designio gratuito em relação aos homens;

— é RESPOSTA de Cristo, por si e pelos homens ao Pai;

— é REALIZAÇÃO do designio do Pai.

II CRISTO REVELA O DESIGNIO DO PAI

II.1. Entre as diversas riquezas e facetas da "REVELAÇÃO" cristã, gostaria de recordar as seguintes.

A revelação é uma manifestação. É dar a conhecer aos homens tanto o designio do Pai em relação a eles, como a interioridade do próprio Deus(17).

(11) ALFARO pg. 134; veja-se ampliação e fundamentação nas pgs. 128-134.

(12) ALFARO pg. 136

(13) ALFARO pg. 125

(14) Cf. ALFARO p.e.: pg. 136

(15) ALFARO pg. 125

(16) Alfaro pg. 136

(17) Cf. *Gaudium et Spes* n° 22; *Dei Verbum* n° 2.

A revelação é simultaneamente promessa de sentido e futuro pleno na eternidade, para os indivíduos, a comunidade e o cosmos; é promessa de sentido e futuro já na história; é promessa de que Deus, com seu amor e poder, realizará gratuitamente as promessas.

A revelação, manifestação-promessa, é ao mesmo tempo um apelo-convite, que implica necessariamente a correspondência dos indivíduos e da comunidade.

II.2. O "DESÍGNIO" do Pai, revelado em plenitude por Cristo, pode ser sintetizado fragmentariamente nos seguintes elementos.

a. Libertar os homens de todas as escravidões: de males e misérias (18); do pecado e de suas concretizações (19); da morte: Cristo restitui a vida a mortos durante seu ministério público e promete a ressurreição eterna; de satanás(20).

b. Unir, em Cristo, os homens entre si. Formar o novo povo de Deus, início do Reino de Deus(21).

c. Unir, em Cristo, pelo Espírito Santo, as comunidades e cada indivíduo ao Pai(22).

d. A realização do desígnio do Pai é histórica, é um caminhar para a plenitude(23).

e. A revelação do desígnio do Pai é simultaneamente revelação do próprio Deus: Deus é amor, ama os homens (24); Deus ama a Cristo, seu próprio e único Filho (25); Deus é bom, salva gratuitamente (26); Deus é poderoso para realizar seu desígnio (27); Deus é fiel na realização de Suas promessas (28): as promessas de Deus feitas no Antigo Testamento realizam-se ao longo da história, na plenitude dos tempos, em e por Cristo (2 Cor 1,20), e plenamente na eternidade (Apoc. 21).

(18) Cf. Lc 4, 16ss; 7,18ss; em plenitude na eternidade: cf. p.ex.: Apc 21.

(19) Cf. p.ex.: Rom 3,21-31; 5,1-11; Ef 2,1ss; Gal 1,14; Jo 1,19; 1 Jo 1,8-2,2.

(20) Cf. p.ex.: Col 1,13s; Luc 4,1-13; Jo 12,31; 1 Jo 3,8; Hebr 2,14.

(21) Cf. p.ex.: Jo 13,34s; Jo 17,20ss; Ef 1; 2,11-22; Ef 4,1-16; Atos 2,42ss; 4,32ss.

(22) Trata-se da "nova e eterna aliança" de Deus com o novo povo: Jer 31,31ss; Jo 17,20ss; 1 Jo 1,1ss; 1 Cor 11,25; 1 Pdr 2,9s; cf. também Lumen Gentium nº 9. Trata-se também da união de cada indivíduo por Cristo, no Espírito Santo, com o Pai: cf. p.

ex.: Jo 14,23; Jo 15; 1 Jo 3,1ss; Rom 5,5; Rom 6; Rom 8; Gal 4,1-7; Dei Verbum nº 2; Gaudium et Spes no 22º.

(23) Cf. p.ex.: Ef 4,21-24; Rom 6; Flp 3,12-16; Lumen Gentium nº 39-42.

(24) Cf. p.ex.: 1 Jo 4,7ss; 1 Jo 3,1ss.

(25) Cf. p.ex.: Mc 1,11; 9,7; 12,6; Lc 3,22; 9,36; Mt 3,17; 17,5; Jo 1,14.18; 17,20-26; Cf. ALFARO pg. 141.

(26) Cf. p.ex.: Ef 2,1-10; Tito 3,4-7.

(27) Cf. p.ex.: Rom 4,21; 11,23; 14,5; 16,25; 2 Cor 9,8; Ef 3,20.

III CRISTO REALIZA O DESIGNIO DO PAI

III.1. Assim como toda vida de Cristo é revelação do designio do Pai, de forma semelhante **toda sua vida é RESPOSTA** ao Pai e **DOAÇÃO** aos homens.

– a.a. A vida de Cristo até o término de seu ministério público é um ato de amor-solidariedade aos homens. O Filho de Deus torna-se homem, assume tudo que há de humano, limitações, caducidade, conseqüências do pecado, exceto o pecado (29). Ele convive com os homens, participa de sua vida e durante seu ministério público procura o bem integral dos homens, serve aos homens (30).

– a.b. Esta mesma vida de Cristo, na sua concreticidade diária, é vida de união com o Pai, vida de amor a Ele (31), vida de união de vontades, de obediência ao Pai (32), vida de confiança no Pai (33), de louvor e glorificação explícita ao Pai (34).

– b. O Novo Testamento dá realce decisivo à morte de Cristo, para

a concretização das mencionadas atitudes: "Progredi na caridade, segundo o exemplo de Cristo, que nos amou e por nós se entregou a Deus, como oferenda e sacrifício de agradável odor" (35).

– h.a. A morte de Cristo é o ato supremo de Seu amor-solidariedade aos homens. É a "aniquilação definitiva de sua existência no tempo (experiência do abandono de Deus: Mc 15,34; Mt 27,46)" (36). É a encarnação extrema do Verbo no humano até a morte (37). "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos amigos" (38). "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim... que amou e se entregou a Si mesmo por mim" (39). Morte que Cristo assume livremente: "o Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém a tira de mim mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a reassumir. Tal é a ordem que recebi de meu Pai" (40).

(28) Cf. p.ex.: Rom 11,29; 1 Cor 1,9; 2 Cor 1,20.

(29) Cf. p.ex.: Jo 1,1ss; Flp 2,7ss.

(30) Cf. p.ex.: Mc 10,41-45; Jo 13,1-20.

(31) Cf. p.ex.: Jo 5,19-47; Jo 10,15-18; 30,38; Mt 11,27; Lc 10,22; Jo 17,20-23.

(32) Cf. p.ex.: na encarnação Hbr 10,5ss; aos doze anos no templo Lc 2,41-52; após o encontro com a samaritana Jo 4,3-34; Jo 5,30; na vitória sobre as tentações Lc 4,1ss.

(33) Cf. p.ex.: Jo 12,23-28; 17.

(34) Cf. p.ex.: Jo 11,41s; Jo 17,1-4.

(35) Ef 5,2.

(36) ALFARO pg. 136.

(37) Flp 2,7-8.

(38) Jo 15,13; cf tb Jo 10,10-18.

(39) Gal 2,20.

(40) Jo 10,17s.

— **b.b.** "Não se pode esquecer que o momento decisivo... da continuidade da encarnação no radicalmente novo da ressurreição é a cruz, a morte de Cristo, no abandono de Deus e em Seu abandono de esperança em Deus" (41). A morte de Cristo é "a recapitulação integradora de toda sua existência no abandono supremo de Si mesmo (submissão, amor, esperança) a Deus: é o cumprimento definitivo de Sua entrega ao Pai" (42).

A morte de Cristo é ato de amor ao Pai: "Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar... Tal é a ordem que recebi de meu Pai" (43). "Ele (o príncipe deste mundo) nada pode contra mim, mas é para que o mundo saiba que Eu amo ao Pai, que faço como o Pai me mandou. Levantai-vos, vamo-nos daqui" (44).

A morte de Cristo é ato de confiança ao Pai: "De momento a minha alma está perturbada. Mas que direi? Pai salva-me desta ho-

ra. Mas é exatamente por isso que vim a esta hora. Pai glorifica o teu nome. Nisso veio do céu uma voz: Já o glorifiquei e tornarei a glorificar" (45); "nos dias da sua vida mortal, dirigiu preces e súplicas, entre clamores e lágrimas. Aquele que o podia salvar da morte, e foi atendido pela sua piedade" (46).

A morte de Cristo é um ato de obediência ao Pai: "não se faça, entretanto, a minha vontade, mas sim a tua" (47), "tornou-se obediente até a morte, e morte de cruz" (48).

A morte de Cristo é um ato de entrega ao Pai por nós: "progridi na caridade, segundo o exemplo de Cristo, que nos amou e por nós se entregou a Deus, como oferta e sacrifício de agradável odor" (49). Cristo entrega-se ao Pai: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (50). Entrega-se ao Pai por nós: Cristo "me amou e se entregou a Si mesmo por mim" (51); "nisto conhecemos a caridade. Ele deu a sua vida por nós" (52). O "por nós"

(41) ALFARO pg. 137.

(42) ALFARO pg. 136; textos aí citados: Jo 19,30; 17,4; 4,34; Lc 23,46; Hbr 5,7s; Flp 2,8.

(43) Jo 10,17s.

(44) Jo 14,30s; de acordo com o contexto trata-se da morte de Cristo.

(45) Jo 12,27s.

(46) Hbr 5,7; cf tb Lc 23,46.

(47) Lc 22,42; cf textos paralelos e Jo 12,23-38.

(48) Flp 2,8; cf tb Jo 10,17s; 14,31; 17,4; 19,30.

(49) Ef 5,2.

(50) Lc 23,46.

(51) Gal 2,20.

(52) 1 Jo 3,16; cf Jo 15,13; veja-se tb as fórmulas da instituição da Eucaristia: Mc 14,22-25; Lc 22,17-20; 1 Cor 11,23.

não significa somente "em favor de nós", mas diversas vezes também "em nosso lugar" (53).

"Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras". Esta afirmação pertence à mais antiga profissão de fé, que possuímos por escrito; e Paulo transmitiu o que Ele mesmo havia recebido (54). Esta realidade é expressa de diversas maneiras no Novo Testamento, p.ex.: "o sangue da nova aliança, derramado por muitos, em remissão dos pecados" (55); "mas foi Ele (o Pai) que nos amou primeiro e enviou o Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (56); "vós sabeis que não é por bens perecíveis, como prata e ouro, que tendes sido resgatados do vosso procedimento vão, recebido por tradição de vossos pais, mas pelo precioso sangue de Cristo" (57); "Deus faz brilhar o Seu amor para conosco, porque, ainda quando éramos pecadores, Cristo morreu por nós... Se nós quando éramos inimigos, fomos reconciliados por Deus pela

morte de Seu Filho..." (58).

Na terminologia da história das religiões uma oblação total e irreversível a Deus, no amor e na submissão, sem morte ou com morte, mas necessariamente expressa visivelmente, recebe o nome de SACRIFÍCIO, que é o ato supremo de CULTO (59).

Também a morte de Cristo recebeu ao longo da história cristã e até hoje a denominação de SACRIFÍCIO, ato supremo do culto (60).

Concluindo o primeiro item desta III parte podemos dizer: toda vida de Cristo, e principalmente o momento supremo de sua vida, a morte, como resposta de Cristo ao Pai, e resposta dada em lugar de todos os homens, é sacrifício, isto é: adoração, louvor-gratidão-glorificação, expiação-propiciação pelos pecados de todos os homens e intercessão por todos; este sacrifício é simultaneamente ato de amor-doação de Cristo aos homens.

(53) Cf. E. QUARELLO: *Il sacrificio di Cristo e della sua chiesa*, Brescia, 1970, pg. 59 e sua fundamentação em exegetas como P. BENOIT, J. JEREMIAS, na nota 78.

(54) 1 Cor 15,3.

(55) Mt 26,28.

(56) 1 Jo 4,10.

(57) 1 Pdr 1,18.

(58) Rom 5,8-10; cf tb Ef 2,11-18.

(59) Veja-se o que diz a respeito de Sacrifício e Culto G. GRANERIS, em *La vita della religione nella storia delle religioni*, Torino, 1960, nos capítulos 8º, 9º e 10º.

(60) Reflexões em torno a posições recentes sobre o sacrifício de Cristo encontram-se na obra de Quarello citada na nota 53.

III.2. Cristo REALIZA o desígnio do Pai

Basta abrir o Novo Testamento para ver como Cristo, durante o Seu ministério público, vai realizando o desígnio do Pai, que esboçamos na II parte. Esta realização, sem deixar de ser dom gratuito de Deus, implica sempre a correspondência dos homens.

a. Cristo liberta os homens: de males e misérias, curando doentes, alimentando famintos... (61); do poder de satanás, expulsando demônios e vencendo tentações; do pecado, perdoadando pecadores; da morte, ressuscitando a mortos.

Desta forma a definitividade do Reino de Deus, no seu aspecto libertador, já está presente incoativamente. Esta libertação, unida à realizada definitivamente no próprio Cristo, é também penhor de que Deus, por Cristo, no Espírito Santo, continuará a realizá-la durante a história e definitivamente na eternidade.

b. Cristo, em torno a Si e no Espírito Santo, une os homens entre si, e com o Pai: "novo povo", "nova e eterna aliança". Cristo reúne em torno a Si discípulos; constitui os doze como grupo, centrados Nele e com a

missão de anunciar a Sua palavra (62). Após a Sua ressurreição reúne os discípulos de Emaús aos apóstolos. Ele, no Espírito Santo, mantém as primitivas comunidades unidas, na vida, na fração do pão, na oração, na ação (63). Cristo participa de banquetes, come com pecadores e publicanos; estes banquetes são a união festiva e alegre dos homens entre si, em Cristo e com Cristo, e em Cristo com o Pai e o Espírito Santo (64).

Cristo na sua vida terrena e logo após a Sua ressurreição vai realizando esta dimensão, a central, do desígnio de Deus. O Reino de Deus, o Banquete Celeste já estão presentes incoativamente. Esta união, em Cristo, de alguns homens entre si e com o Pai é também garantia de que Deus, por Cristo e no Espírito Santo, continuará a realizar esta dimensão na história e a realizará plena e definitivamente na eternidade.

c. Cristo realiza o desígnio do Pai historicamente, não só durante Sua vida e logo após a Ressurreição, mas em virtude do Espírito Santo ao longo de toda história humana, não só depois de Cristo (na Igreja de Cristo e fora dela), mas em virtude de Cristo desde o início.

(61) É desnecessário indicar passagens bíblicas, pois são mais do que conhecidos os fatos, não só referentes à dimensão mencionada, mas também às seguintes.

(62) Cf. Mc 3,13-15.

(63) Cf. p.ex.: Atos 2,42ss; 4,32ss.

(64) Cf. a oração de Jesus pela unidade: Jo 17,20ss.

d. Desta forma podemos concluir esta parte, repetindo o que já dissemos: o Pai, em e por Cristo, no Espírito Santo, ao longo de toda história humana, não só se revela, mas ama e se doa aos homens, sendo misericordioso e bom para com eles, salvando-os gratuitamente. Deus é poderoso e fiel para realizar superabundantemente as Suas promessas. Cristo, Sua vida, paixão, morte e ressurreição, são penhor de que Deus Pai um dia realizará plena e definitivamente o Seu desígnio de amor.

IV CONCLUSÃO

1. Cristo, o histórico, o morto e o ressuscitado-glorioso é a FONTE, o CENTRO, o CUME, o SENTIDO da nossa existência, da Igreja, dos homens, do cosmos, de toda história, no passado, no presente, no futuro e na eternidade.

2. Em virtude de Cristo e em união com Ele cada um de nós, as comunidades cristãs e todos

os homens, a seu modo e na medida concedida pelo próprio Deus, podem viver já agora o desígnio do Pai, em suas diversas dimensões, no dia a dia, historicamente, na esperança da realização plena deste desígnio na eternidade.

3. Abro as pistas para as reflexões sobre a celebração eucarística (65) simplesmente afirmando: a celebração eucarística é a celebração de **TODO mistério de Cristo**, com suas repercussões no passado, hoje, no futuro e na eternidade; é a celebração de todo mistério da salvação; é a celebração de **nossa vida diária**, individual e comunitária, da vida diária assim como a vivemos e compreendemos na fé, da vida diária que só tem sentido em virtude de Cristo, em união com Ele e para Ele. Nestas perspectivas podemos compreender um pouco as afirmações do Vaticano II, de que a **celebração eucarística** é a fonte, o centro e o cume de toda vida e apostolado da Igreja (66).

(65) A celebração eucarística, como sabemos, é simultaneamente **recordação** e **realização** sacramental de todo mistério de Cristo, de todo mistério da salvação e também de nossa vida, da vida da Igreja, vivida em virtude de Cristo, como também e penhor

da realização no futuro e na eternidade em plenitude do desígnio do Pai.

(66) Veja-se p.ex.: LG 11,1; SC 6-9; 10,1; PO 5,2 6,5; 14,2.